

NOTA SOBRE A “SÁTIRA GERAL A TODO O REINO, E GOVERNO DE PORTUGAL”

João Adolfo Hansen, Marcello Moreira e Caio Cesar Esteves de Souza

O autor anônimo da “Sátira geral a todo o Reino, e governo de Portugal” recorreu ao famigerado nome daquele homem que, segundo Manuel Pereira Rabelo, em *Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos e Guerra*, morreu em 1696 em Recife, onde vivera os derradeiros anos de uma vida desvairada. Ressuscitado na mesma cidade em 6 de agosto de 1713, compôs quarenta décimas de dez redondilhos maiores ou versos de sete sílabas, ordenados em grupos de quatro, três e três. Em geral, os quatro primeiros funcionam como apresentação de um tema e considerações sobre ele; os três ou quatro seguintes o amplificam; os três últimos, às vezes os dois últimos, concluem. Por exemplo, a estrofe 1:

Apresentação

Um reino de tal Valor
e de povo tão honrado
é justo seja louvado
desde o vassalo ao Senhor.

Desenvolvimento

Inda que fraco orador
a verdade hei de dizer,
e cada qual recolher
pode, aquilo que lhe toca

Conclusão

Inda que diga, o provoca
uma imitação real
Este é o bom governo de Portugal.

A matéria das quarenta estrofes são os vícios fortes, ou nocivos, do “bom governo de Portugal”. Cômicos, não causam riso, mas horror, merecendo a vituperação maledicente da *persona* poética Gregório de Matos ressuscitado; a matéria “bom governo de Portugal” é figurada em estilo baixo. A *persona* inicia a vituperação pela cabeça do corpo político do Reino, o Rei. No caso, um menino sem discernimento que, contente com a adulação, tem e permite vícios que corrompem o bem comum. Afirmando que o governo tiraniza a pobreza e que tipos inferiores invertem a ordem natural das coisas, o poema põe em cena o ordenamento jurídico do pacto de sujeição pelo qual a comunidade, como uma única vontade unificada do corpo político definido como “corpo místico”, abre mão de sua liberdade e, declarando-se súdita ou subordinada a um só, recebe a representação dos estamentos e ordens sociais que a hierarquizam com seus privilégios e deveres. O rei constituído no pacto de sujeição deve governar por meio de leis positivas que, para serem não só legais, mas antes de tudo legítimas, devem refletir a justeza e a justiça da lei natural da Graça, que reflete a lei eterna de Deus. Como o poema afirma, as ações das autoridades de todas as instâncias do governo de Portugal são ilegítimas, por isso contrariam a lei natural; ao fazê-lo, negam a lei eterna de Deus. Logo, a sátira é feita para denunciar o pecado que, dissolvendo a sacralidade do pacto de sujeição, corrompe as instituições e homens que deveriam zelar pela boa ordem social. Veja-se, estrofe a estrofe, a somatória dos vícios: o pecado corrompe o Conselho de Estado e seu secretário, Dioguinho de Mendonça (estrofe 6); o Conselho de Guerra e os cargos dados aos mochilas, criadinhos pajens (9); a Junta dos Três Estados e seu tesoureiro “lagarto fatal”, crocodilo devorador de tributos (10); a Contadoria, que sempre nega informação, enquanto rapina (11); o Conselho da Fazenda, onde os pobres esperam anos a fio, sempre fraudados (12); o Desembargo do Paço, onde juízes togados com peles de chinchila são canalha presidida por um Duque (13); o Conselho Ultramarino, presidido por diabo corruptor (14); o Governador, fraco, traidor e corrupto (15); a Mesa de Consciência, que consciência não tem (16); a Relação, cujo bispo regedor é mau ladrão (17); os Armazéns e Consulado, regidos por razões de bêbados (18); a Junta do Comércio, que um Marialva depena, dando dinheiro sem conta para as casas de um pecador, o Serra (19); a Alfândega onde o Provedor tudo gasta que vem do Brasil (20); o estanco do tabaco presidido por um Minas que se enche de propinas (21); a Casa da Índia e Contos com vedorias, tesouros e chancelarias roubados (22); o Senado da Câmara que monturos permite e espalha (23); os Ministros da Justiça, que nunca a fazem, ou pela puta, ou por cobiça (24); os Ministros da Igreja, fradalhada e clerezia, e sua simonia (25); os Assentistas, que tomam o trigo aos lavradores (28); as Conquistas,

governadas por sujeitos ridículos sem obras, ações ou feitos (29); a fidalguia corrupta (30); as donzelas que selam o vaso com terebentina para voltarem à posse de um hímen virginal (31); as casadas de honras manchadas e as viúvas sem juízo e renda pretendendo segundo himeneu (32 e 33); os estrangeiros que levam o ouro e a prata sem conselheiro que os impeça (34); os maraus que roubam na rua e, tendo a amizade de Conde e Marquês, são livres (35); os atravessadores de trigo, azeite, vinho, ladrões do povo (36); a canalha vil dos mercadores vendilhões (35). E:

Já que não temos que esperar
neste governo insolente,
mais, que padecer a gente,
sem o bem nunca alcançar,
só para Deus apelar
pode o Povo português
e pedir-lhe desta vez
que nos dê governo novo (39)

O que talvez ocorra, conclui o poema, quem sabe quando El Rei D. Sebastião ressuscitar e voltar (40).

•

A versão do poema ora publicada encontra-se no ms. 68, nº 53, depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Ela foi encontrada por Caio Cesar Esteves de Souza. Quando da edição, manteve-se a pontuação do manuscrito e empreendeu-se a normalização ortográfica do texto. Um único verso não pôde ser transcrito, pois parte do papel em que estava inscrito foi perdida; as perdas estão marcadas com (*).

Sátira geral a todo o Reino, e governo de Portugal; por Gregório de Mattos ressuscitado em Pernambuco, no ano de 1713 a 6 de agosto do dito ano e feita com este Mote:

Este é o bom Governo de Portugal

1ª

Um reino de tal Valor
e de povo tão honrado
é justo seja louvado
desde o vassalo ao Senhor
Inda que fraco orador
a verdade hei de dizer,
e cada qual recolher
pode, aquilo que lhe toca
Inda que diga, o provoca
uma imitação real
Este é o bom governo de Portugal.

2ª

Um Rei menino inocente
sem compaixão, nem piedade,
inimigo da verdade
com adulação contente;
Em uma sombra aparente
tanto se enleva este Rei
faltando do Reino à lei
seguindo somente os vícios
E com torpes exercícios
chegou a extremo tal
Este é o bom governo do Portugal.

3ª

Pera os Povos bem reger,
Deus o pôs neste lugar
não para os desgovernar
nem para o Reino perder:
Mas creio lhe fazem crer
que é já virtude o pecar
e o que deve não: pagar
ter ambição, e avareza
Tiranizar a Pobreza
com tributo desigual
Este é o bom governo de Portugal.

4ª

Pois um Infante inumano
e insolente matador
que sem ter de Deus temor
vive bruto; e corre insano:
É o mais cruel tirano
que neste reino se há visto
e que conhecendo isto
o tolinho do Irmão
lhe não deu uma prisão
para evitar tanto mal
Este é o bom governo de Portugal.

5ª

Um neto de um Correeiro
hoje Príncipe da Igreja
que alcança quanto deseja,
adulando lisonjeiro:
Sambixuga do dinheiro
que se rouba da pobreza
porque chega a tal grandeza
quem ontem morrendo à fome
Sem ser visto, nem ter nome
hoje esteja cardeal
Este é o bom governo de Portugal.

6ª

Que haja um Conselho de Estado
para mil resoluções
e que em todas as ações
é sempre desacertado:
Se é de seus desacertos
por segredos descobertos
que só por os bons intentos
lhe cega os entendimentos
o grão ministro infernal
Este é o bom governo de Portugal.

7^a

Também o seu Secretário
Dioguinho de Mendonça
ar dando por gerigonça
no espaço imaginário:
Sempre aberto o calendário
tem de mentiras e enganos
que com cara de cem anos
vivam assolando o mundo
Eu juro, que me confundo
vendo o que um magano val
Este é o bom governo de Portugal.

8^a

Um Messias das Mercês
feito mosca atordoada,
que El-Rei não despacha nada
diz a todo o Português;
Todos conhecem que fez
em breve tempo Palácio
porque estudou mais de espaço
na sua conveniência
sendo piadosa aparência
para exercício usual
Este é o bom governo de Portugal.

9ª

Que no Conselho de Guerra
os pobres dos pertendentes
andem feitos pacientes
rapando com os pés a terra:
E vendo que se desterra
daqui o merecimento
pelo injusto provimento
dos postos, que estes Salvagens
Dão a mochilas e a pagens
dizem deste Tribunal
Este é o bom governo de Portugal.

10ª

A Junta dos três Estados
que as rendas reais depende
onde todo o que pertende,
vai purgar os seus pecados:
Despois que tem bem surrados
os ossos, na pertensão
com uma e outra informação
o mandam ao tesoureiro
O qual diz não tem dinheiro
por ser lagarto fatal
Este é o bom governo de Portugal.

11^a

A nossa Contadoria
onde o máximo é registo
porque na junta o que é visto
se remete a esta via:
Se falta aqui a valia
para a boa informação
acha-se uma dilação
e uma dívida no cabo
Que até o mesmo diabo
dirá por regra geral
Este é o bom governo de Portugal.

12^a

O Conselho da Fazenda
com dúvidas, e demoras
passam anos, dias, e horas
os pobres, nesta contenda
Em dilação estupenda
três anos aqui andei
e na verdade não sei
como o posso referir,
Não houve que deferir
foi o despacho final
Este é o bom governo de Portugal.

13^a

Um Desembargo do Paço
composto de vós, chinchilhas,
que com roupões, e golilhas
governam o reino de espaço
Os corações têm de aço
estes soberbos vilões
pois de seus maus corações
o mal a todo se espalha
E presida a tal canalha
um Duque de Cadaval
Este é o bom governo de Portugal.

14^a

O Conselho de Ultramar
onde preside um diabo
que assim lhe vai dando cabo
vendendo o que se há de dar
E espera de se salvar
este assolador da gente
tão soberbo, e insolente
que ao Rio de Janeiro
Todos dizem por dinheiro
vendera este irracional
Este é o bom governo de Portugal.

15ª

E que haja o Reino de ter
a um Rei, tão desumano
que deixou passar um ano
sem o mandar se correr
E que ainda favorecer
queiram ao Governador
que por fraco, e por traidor
dando gosto a S. Vicente
Desacreditasse a gente
com uma perda universal
Este é o bom governo de Portugal.

16ª

A Mesa da Consciência
que consciência não tem
onde a todo o que ali vem
faz perder a paciência
Com uma, e outra, diligência
em qualquer Inquirição
traz arrastado um cristão
que quer por a cruz de Cristo
E se as cruzes não tem visto
não se acha a voz paternal
Este é o bom governo de Portugal.

17^a

Cheguemos à Relação
onde um bispo regedor
deixa de ser bom Pastor
para ser um mau ladrão
Depois que empunha o bastão
com presunções de letrado
tem muita gente enforcado
e atropelando aos povos
Ihe quer dar costumes novos
por seu destino brutal,
Este é o bom governo de Portugal.

18^a

Armazéns e Consulado
que está regendo a fronteira
com rezões de borracheira
descompondo a todo o honrado
Porque foi tão bom soldado
no choque de Badajoz
nesta ocupação o pôs
por seus serviços El-Rei
E se decreto, ordem, ou lei
arrepugna este animal
Este é o bom governo de Portugal.

19ª

A Junta que não tem pelo
do Comércio porque calva
a deixou o Marialva
custou a vida ao Rabelo
Porque dizem nesta terra
que para as casas do Serra
dera dinheiro sem conto
porque o queria ter pronto
para o pecado carnal
Este é o bom governo de Portugal.

20ª

Pois da Alfândega a descarga
onde o Porvedor gentil
todo o que vem do Brasil
quer despender, com mão larga
E se o não faz, lhe é amarga
a descarga do Navio,
e os anos atrás, no Rio,
carregados, se perderam
Que como não concorreram
Concorreu-lhe o temporal
Este é o bom governo de Portugal.

21^a

O estanco do Tabaco
aonde preside o Minas
de ordenados, e propinas
mui bem se enche o velhaco
la-lhe chegando ao lado
com um bastão estrangeiro
e o filho bom cavaleiro
deteve a cavalaria;
Quando o inimigo fugia
de coura no azinhal
Este é o bom governo de Portugal.

22^a

A Casa da Índia, e Contos
com todas as vedorias
tesouros, chancelarias,
mui bem lhe vejo os pespontos,
Ainda que sutis seus pontos
eu lhos conheço de sorte,
que se governara a corte,
eu lhe vazara as enchentes,
Pois destas vias correntes
Só eu lhe sei o canal
Este é o bom governo de Portugal.

23^a

Da Câmara, e Senado
que em obras, tachas, limpeza
deve com toda a presteza
ter particular cuidado
O governo, é desastrado
sob as ruas da cidade
monturos, e porquidade,
e o que tem que vender
o vende pelo que quer
por ter seguro o costal
Este é o bom governo de Portugal.

24^a

Os Ministros de Justiça
que nunca a fazem direita
porque a valia respeita
pela Puta ou por cobiça
O Demo, assim lhe atiça
este fogo, em seus ardores
Juizes, Corregedores,
Letrados, e Escrivães,
Alcaides, Tabaliães,
todos vestem de um saial
Este é o bom governo de Portugal.

25ª

Pois os Ministros da Igreja
fradalhada, e clerezia,
em todos há simonia,
tudo ambição tudo inveja,
Não há nenhum que não seja
um perverso amancebado
outro para ser prelado
a Roma manda o dinheiro
Para que pronto, e ligeiro,
lhe venha um moto papal
Este é o bom governo de Portugal.

26ª

Que queira El-Rei sustentar
nas praças e na campanha
a gente, com traça e manha,
e sem lhe querer pagar?
E andam isto aturar
os miseráveis soldados
famintos, e trabalhados
Ludíbrios padecendo
Sempre de fome morrendo
sem lhe darem um só real
Este é o bom governo de Portugal.

27^a

E pois à guerra mandar
com palavras, e enganoso
com quatro pobres maganos
e sem lhe dar de comer?
Bem pudera conhecer
pois lhe dá tão pouco disto
nos sucessos que tem visto
depois que o cetro empunhou
Que vitória não alcançou
pois lhe tem ódio mortal
Este é o bom governo de Portugal.

28^a

Os Assentistas sem lei
do Reino destruidores
que o trigo, aos lavradores
tomam, com o poder de El-Rei:
Não lhe pagando, eu o sei,
para o tornarem a vender
deixando à fome morrer
del-Rei a cavalaria,
E a Pobre Infantaria
e sofra isto um general?
Este é o bom governo de Portugal.

29ª

Que às conquistas governar
mandem, para desabonos,
uns pataratas, fanchonos
sem para nada prestar:
E que se andem aumentar
uns ridículos sujeitos
sem obras, ações, nem feitos,
e se há tal ocasião
De ter copada na mão
a fuga lhe é cordial
Este é o bom governo de Portugal.

30ª

Que a mais da fidalguia
que na soberba se enfronha
neles se acha sem vergonha
toda a má velhacaria:
A fraqueza, e covardia,
levam contra os castelhanos;
e para os pobres paisanos
são uns tigres, e uns leões,
Mas porão nos seus brasões
um proceder tão cabal
Este é o bom governo de Portugal.

31^a

O que direis das donzelas
com escrúpulos dobrados
e tendo os pontos quebrados
vos colhem nas esparrelas
Depois de várias barreias
e ter três vezes parido
enganam o pobre Marido,
e um virgo de tromentina
Encaixando-se à menina
em possessão virginal
Este é o bom governo de Portugal.

32^a

Também se veem as casadas
que por quererem brilhar
prazer, joias, galear,
e serem mui regaladas,
As honras trazem manchadas
porque o pobre do Marido
como não dá o vestido
nem para a casa o sustento
À mulher consentimento
dá com que governe o casal
Este é o bom governo de Portugal.

33^a

Que a pobre desconsolada
da viúva sem marido
o capelo traga erguido,
e a cabeça apolvilhada;
Mui cheirosa, e perfumada
segundo himeneu pertenda
sem ter juízo, nem ter renda,
sempre a presunção é alta
E se acaso um Noivo falta
não lhe falta um provincial
Este é o bom governo de Portugal.

34^a

Venha todo o Estrangeiro
e cada um negociando
o ouro, e prata vão levando
deixando-nos sem dinheiro,
E não haja conselheiro
que seja homem de talento
que apurando o entendimento
algum remédio lhe aplique.
Para que o reino, não fique
exausto, deste metal
Este é o bom governo de Portugal.

35^a

Que andem por esta cidade
roubando, vários maraus,
e que estes vaganaus
tenham favor, e amizades
Sem ter honra, nem verdades
furtando uma, e outra vez
achando o Conde, e o Marquês
que dizem, se presos vão,
São da sua obrigação,
ao Ministro Principal
Este é o bom governo de Portugal.

36^a

Pois uns atravessadores
de trigo, azeite, e de vinho,
que são por todo o caminho
do povo, uns assoladores
Porque da fome os rigores
todos fazem padecer
e que haja de se sofrer
que qualquer bisbilhoteiro
Incorra, por ter dinheiro
em caso tão criminal
Este é o bom governo de Portugal.

37^a

Toda a mais canalha vil,
mercadores, vendilhões,
que estão ganhando milhões
com emprego de um ceutil
Tem toda a traça gentil
para poderem roubar
podendo isto emendar
com açoutes e galés
Porque assim, em que lhe pês
tenham menos cabedal
Este é o bom governo de Portugal.

38^a

O mais que aqui não refiro
fique à eleição dos leitores
que de tão graves horrores
muito pouco já me admiro
Corre a fortuna seu giro
com mil voltas, e rodeios
pois que por tão vários meios
vivem neste reino insano
O bom, o mau, alto, e magano,
e como quer cada qual
Este é o bom governo de Portugal.

39^a

Já não temos que esperar
neste governo insolente;
mais, que padecer a gente,
sem o bem nunca alcançar:
Só para Deus apelar
pode o Povo português
e pedir-lhe desta vez
que nos dê governo novo,
Para que com ele o Povo,
diga, no seu natural
Este é o bom governo de Portugal.

40^a

Quando aquele Santo Rei
que em alcácer foi vencido
pelejando inadvertido
contra o poder de Muley
A exaltar de Cristo a Lei
sair pode divino acerto
de donde está encoberto
com verdade, e com rezão,
Dirá a nossa nação
tendo um cetro imperial
Este é o bom governo de Portugal.

Glossário

Alcácer s.m. – antiga fortaleza ou castelo fortificado.

Assentista s.m. – beneficiário de bens, atos ou fatos jurídicos, ou de atividades econômicas e profissionais que são objeto de tributação.

Azinhal s.m. – conjunto de azinheiros.

Barrela s.f. – água em que se ferveu cinza, usada para branquear roupa.

Ceilil s.m. – moeda portuguesa antiga, com o valor de um sexto de real.

Chinchilha s.f. – o mesmo que chinchila; designa homens excessivamente recobertos por roupas e peles.

Copada s.f. – copo cheio.

Cordial s.m. – medicamento ou bebida que fortalece.

Costal s.m. – as costas, ou também os flancos.

Coura s.m. – armadura de couro para proteger costas e peito; proteção, guarida; o homem que se apresenta guarnecido de *coura*.

De espácio adv. – sem pressa, lentamente.

Fanchono s.m. – sodomita.

Golilha s.f. – gola com a volta engomada.

Lagarto fatal s.m. – expressão com que se nomeia o crocodilo do Nilo, que come a presa enquanto fingidamente chora por ela.

Magano s.m. – indivíduo de baixa extração.

Marau s.m. – malandro, patife, pirata.

Mochila s.m. – rapaz de pequeníssima nobreza, sem idade para portar espada, e que corria à frente do carro ou cavalo de seu senhor.

Patarata s.m. – ostentação ridícula, mentira; pessoa dada a *pataratas*.

Pertendente s.m. – o mesmo que *pretendente*.

Pertensão s.f. – o mesmo que *pretensão*.

Porvedor s.m. – o mesmo que *provedor*.

Saial s.m. – antiga vestidura grosseira.

Sambixuga s.m. – o mesmo que *sanguessuga*, parasita.

Simonía s.f. – tráfico de coisas sagradas ou espirituais.

Traça s.f. – manha, ardil.

Tromentina s.f. – o mesmo que *tormentina*, ou *terebentina*; resina extraída de árvores, empregada para fazer mulher sexualmente ativa parecer novamente *virgo*.

Vaganau s.m. – que vagueia, errante; vagabundo;

Virgo s.f. – virgem.